

## LÉXICO E DICIONÁRIO

Por Josette REY-DEBOVE\*  
Tradução de Clóvis Barleta de MORAIS\*\*

---

*RESUMO: A autora trata das relações entre léxico e gramática, definindo conceitos básicos da lexicologia: a palavra, a unidade léxica, a lexia, o morfema, classe aberta e classe fechada, o repertório vocabular de uma língua. O léxico é o domínio menos específico da linguagem, reportando-se ao universo referencial. O conjunto de signos que compõem o léxico, conferem a ele um estatuto semiótico, criando um sistema de mundo. A autora discute o problema da designação, mostrando como se relacionam palavras e coisas. Sendo um conjunto aberto, o léxico tem possibilidades infinitas de expansão. Os dicionários constituem nossa única idéia sobre o léxico.*

*UNITERMOS: Léxico; lexicologia; dicionário; unidade léxica; lexia; referência; sistema de mundo; metalingüística; terminologia; designação; taxinomia; polissemia; homonímia; nomenclatura; verbe; definição; dicionário monolingüe; dicionário bilingüe; dicionário histórico.*

---

### SITUAÇÃO DO LÉXICO NA LÍNGUA \*\*\*

#### *Gramática e léxico.*

Há duas maneiras de aprender uma língua. Uma, natural, por tentativas cada vez mais aperfeiçoadas de comunicação que chegam a conhecimentos memorizados dessa língua (competência natural), como o da criança na família, e, nesse caso, pode-se dominar perfeitamente uma língua sem se ser capaz de descrevê-la. A outra, artificial e metalingüística, pela consulta de dois tipos de obras descritivas conhecidas como indispensáveis e complementares: a gramática e o dicionário.

Essas duas maneiras de aprender uma língua não são quase empregadas exclusivamente: a aprendizagem natural é geralmente acelerada e aperfeiçoada pelo uso da gramática e do dicionário, e a aprendizagem artificial é na maioria das vezes sustentada por verificações duma experiência prática de comunicação. Mas, na realidade, esses dois caminhos de aprendizagem deveriam levar aos mesmos resultados: é por isso que os lingüistas dizem que o objeto dum dicionário e duma gramática é descrever a competência natural do utilizador ideal duma língua.

#### *Aprende-se uma língua estrangeira com um dicionário e uma gramática.*

Essa correspondência entre a existência de duas descrições e o funcionamento du-

---

\* Professora da Universidade de Paris. Redatora dos dicionários da série Le Robert.  
\*\* Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara — SP.  
\*\*\* Sempre que foi possível, adaptamos a exemplificação francesa, com algumas exceções; às vezes pusemos a tradução ao lado.  
Preferimos *descodificar* por ser uma forma mais vernácula que *decodificar*.

ma língua foi sublinhada pelo emprego que os norte-americanos fazem de *dictionary* e *grammar* para designar os dois componentes duma língua, para o quê nós dizemos *léxico* e *gramática*. O léxico duma língua seria o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a conjunção da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases duma língua.

Se a existência das gramáticas e dos dicionários nos sugere, com uma exatidão razoavelmente grande, essa dicotomia da língua, o conteúdo deles nos revela, da mesma maneira, a fragilidade da fronteira traçada entre esses dois domínios complementares. (8, 19)

*Gramáticas e dicionários falam frequentemente dos mesmos objetos...*

Não é o caso de *um, o, sobre, tudo, exato (-a, -os, -as)* na gramática, quando essas são palavras do dicionário? E não se vêem no dicionário indicações sobre o gênero das palavras, sua concordância e lugar na frase, verbetes como *preposição, advérbio* etc., quando tudo isso constitui objeto das gramáticas? Em qual dos dois livros procurar o sufixo *-agem*, a forma verbal *coubesse*? A imprecisão da situação reflete-se nas variações de conteúdo que se manifestam duma obra a outra, entre as gramáticas e entre os dicionários: uma gramática como *le Bon Usage*, de Grevisse, invade a descrição lexical e uma obra como o *Dictionnaire du français contemporain* (Larousse) estende-se largamente sobre a descrição gramatical. Poderia parecer que se trata dum mesmo objeto encarado de dois pontos de vista diferentes, do conjunto para o elemento na gramática, e do elemento para o conjunto no dicionário. Assim, numa gramática, o capítulo do possessivo enumera as formas *meu, teu, seu, nosso, vosso, seu*, ao passo que em cada forma distribuída no conjunto alfabético do dicionário — *meu, nosso, seu* (sing.), *seu* (pl.), *teu, vosso* — explicita-se que se trata dum possessivo. Mas percebe-se rapidamente que as palavras repertoriadas numa gramática são uma ínfima parte do léxico e que nem todas as regras da gramática são explicitadas no dicionário.

*...e os dicionários não recobrem inteiramente seu próprio domínio.*

Por outro lado, se se trata de opor regras às unidades a que se aplicam, o dicionário apresenta geralmente graves lacunas; podemos ficar admirados de não encontrarmos nele a lista completa das unidades significativas que são os morfemas presos\*, uma parte dos quais aparece nas gramáticas. Contudo os afixos e desinências como *-or, -mento, pre-, -s, -m*, parecem ter um valor que se encontra em *agente, operário* etc. (*-or*, em *lavrador*), *ação(-mento* em *cerceamento*), *antes (pre-*, em *predizer*) e *muitos (-s e -m* em *as crianças cantam*). Ademais, ainda que seja impossível falar uma língua sem empregar nomes próprios, estes não são repertoriados no dicionário de língua, mas somente, quando são afamados, na enciclopédia.

Enfim, seríamos tentados a dizer que é a significação que se opõe ao léxico e à gramática. Mas a significação manifesta-se em toda parte: há tanto uma semântica lexical como uma semântica gramatical. Na frase *O texto cita o ministro*, a significação depende das unidades *o, texto, citar, ministro*; mas depende também da gramática visto que *O ministro cita o texto* já não tem absolutamente o mesmo sentido.

---

\* *Morfema preso*: morfema que não pode ser utilizado sozinho na comunicação porque só existe como parte duma palavra.

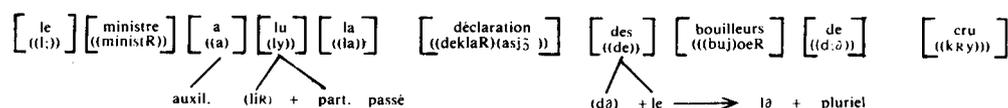
## UNIDADES CODIFICADAS SIGNIFICATIVAS.

Trata-se, pois, de considerar que problemas teóricos se põem e como — segundo a maneira de os resolver — se pode traçar uma fronteira aceitável entre gramática e léxico, isto é, definir o léxico.

*A gramática utiliza-se de vários tipos de unidades...*

Há dois pontos sobre os quais todos estão de acordo: a gramática (sintaxe, morfologia) dá regras para combinar unidades significativas e essas unidades são inferiores à frase que elas constroem. Cada unidade lingüística entra na composição duma unidade superior, onde ela funciona como integrante, (1) e essa integração permite produzir um número incalculável de signos com um número restrito de unidades: os morfemas (unidades significativas mínimas) constroem palavras (10) que entram nos constituintes de frase (grupo nominal/grupo verbal).

Pode-se representar do seguinte modo os níveis de integração dos morfemas e das palavras:



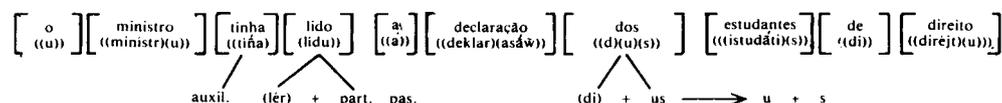
Só as unidades de mesmo nível podem ser estudadas ao mesmo tempo; um morfema que contém um só fonema fica sendo um morfema (*a*) e uma palavra de um só morfema fica sendo uma palavra. É por essa razão que é sempre preferível caracterizar uma unidade no nível superior, por exemplo *ministro* como palavra, e não como morfema (exatamente como há mais exatidão em chamar *quadrado* que *retângulo* a um retângulo de lados iguais).

### O morfema.

A separação em morfemas é geralmente possível (*declar-ação*, mas nem sempre: o francês *des*, correspondente aos morfemas *de* + *les*, não pode ser cortado em morfemas, ou elementos concretos separáveis; assim também *men*, que em inglês equivale a *man* + *s*. Os morfemas são livres ou presos: *mar* é dito livre\* e *-ação* é preso:\*\* não pode constituir um enunciado significativo por si só. Os morfemas presos constituem o conjunto dos afixos lexicais (prefixos, infixos, sufixos) e das flexões gramaticais (plural, feminino, desinências verbais, casos etc.).

\* Na realidade, há o morfema preso de singular, sob a forma zero.

\*\* No original está *-ation*. Em português o sufixo é *-ção*. (Nota do tradutor)



### A palavra.

Uma palavra é formada sem dúvida de um só morfema (*mar*) ou de vários (*declaração*).

Define-se como uma forma livre significativa que não pode ser decomposta em outras formas livres significativas menores\* e cuja unidade se manifesta por uma coesão interna (também pelo acento de palavra em numerosas línguas). A primeira condição basta para forma como *declaração*, visto que *-ação* não é livre.

### A lexia.

A segunda condição é necessária no caso de *bouilleur de cru*, citada acima. As palavras complexas que devem satisfazer a ela são chamadas "lexias" (anteriormente "expressões", "locuções").

...e essas unidades estão codificadas na língua.

Todos os integrantes até a lexia são chamados unidades codificadas: o morfema preso é a unidade significativa mínima, e a lexia a unidade significativa máxima. Queremos dizer com isso que elas estão inscritas como unidades no código de nossa memória, a qual deve reproduzi-las tais quais, em bloco, no discurso; não temos a liberdade de mudar, pela mesma razão, a ordem dos elementos nessas unidades, nem mudar um elemento, nem separá-los por inserções (*\*-temno*, em vez de *-mento*, *\*declaramento* por *declaração*, *\*guarda de intenso trânsito*). Ao contrário, o sintagma e a frase não estão codificados. Seus elementos podem ser escolhidos, deslocados e invertidos à vontade, nos limites da gramaticalidade e da semanticidade. Far-se-á, porém, uma exceção importante para os provérbios, que são frases codificadas: *Devagar se vai ao longe*, ou *Quem não tem cão caça com gato* estão inscritas em nossa memória, não as produzimos a partir das palavras que as compõem, do mesmo modo que não produzimos *insuportável* a partir de *in-*, *suport(ar)*, e *-ável*. As unidades codificadas formam conjuntos finitos contáveis (ou mesmo facilmente contáveis), e as unidades não codificadas, sintagma e frase, conjuntos infinitos.

Enfim, é preciso diferenciar a ocorrência particular duma unidade significativa na fala e seu modelo abstrato no sistema da língua (língua/fala) (11). O léxico, quaisquer que sejam as unidades escolhidas, deve fornecer uma lista finita de unidades de língua. Assim, na frase *O ministro cita o texto*, há duas ocorrências na fala duma mesma unidade da língua, *o*. Se certas ocorrências têm um mesmo sentido e uma mesma função, com formas um pouco diferentes, são "variantes". Tais são, em português, *gatinhar* ou *engatinhar*, *cãibra* ou *câimbra*, que são variantes relativamente livres. Se as varian-

\* *Minimum free form* de Bloomfield. — BLOOMFIELD, L. — A set of postulates for the science of language. Psycholinguistics, 1961.

tes são automáticas e estão em distribuição complementar, são “Alomorfes”; assim *São* e *Santo* que não podem empregar-se um pelo outro, sendo obrigatórios *São Paulo* e *Santo Estevão*\*. Enfim, embora exista uma diferença de sentido entre uma palavra gramaticalmente assinalada como masculino ou feminino (*malvado-malvada, uma-uma*) ou como singular e plural (*jornal-jornais, o-os*), temos o hábito de considerar uma só unidade de língua no masculino (se é o caso não marcado numa língua) e no singular quando o gênero e o número só se realizam na fala. Se o gênero e o número não dependem da fala (*vacance-vacances*), cada forma é uma unidade de língua.

Os problemas levantados pela divisão das unidades significativas variam de uma língua para outra.

### TRÊS TIPOS DE LÉXICO.

#### *O conjunto dos morfemas numa língua.*

Diversas definições de léxico são válidas, todas diversamente insuficientes. A solução aparentemente mais simples, a dos lingüistas americanos, consiste em escolher como unidade de léxico o morfema, ou unidade significativa mínima\*\*. Mas essa solução apresenta várias dificuldades.

*Classes abertas, classes fechadas.* Inicialmente, percebe-se que é preciso estabelecer uma distinção entre os morfemas, entre morfemas lexicais ou lexemas, e morfemas gramaticais ou gramemas, o que já é contraditório. Em *a declaração* [adeklarasašw] pode-se distinguir: um artigo definido (*a*), uma raiz verbal (*declar-*), e um sufixo nominal (*-ação*); se se faz variar *ad libitum* cada um dos elementos em sua classe, por exemplo *as lavagens* [azlavãžêjs], constata-se que a escolha é muito grande para substituir *declarar* (quase todos os verbos), que ela é muito menor para substituir *-ação*, e que só se dispõe de *uma* para substituir o artigo definido *a*. Existem, pois, classes mais numerosas ou menos numerosas de morfemas, e certas classes restritas podem ser facilmente descritas pela enumeração de seus elementos.

Constata-se também que quanto mais uma classe é pobre em elementos, tanto mais é fechada, e que quanto mais é rica, tanto mais é aberta. Assim, a classe dos morfemas-nomes, a mais vasta, pode enriquecer-se todos os dias sem prejuízo para a intercompreensão dos usuários mas não a classe dos artigos ou dos pronomes pessoais (imaginemos que perturbação criaria o aparecimento dum pronome X = *eu + tu*, diferente de Y = *eu + ele*).

Enfim, a extrema pobreza e o fechamento numa classe acarretam importantes conseqüências na maneira de identificar os elementos. Basta caracterizar gramaticalmente um elemento desse tipo de classe para que ele seja inteiramente determinado: um artigo definido masculino singular não pode ser senão *o* em português, e não é necessário evocar nem seu sentido nem sua forma fonológica para reencontrá-lo. Isso é impossível, ao contrário, para um elemento dum conjunto rico e aberto; depois de darmos todos os caracteres gramaticais dum verbo: “verbo transitivo direto, regular”, estamos ainda muito longe de ter selecionado *sel(ar)*, por exemplo, e é obrigatório, para uma identificação completa, indicar que seus fonemas são [sel(ár)] e sua significação

\* Assim também a preposição *por* é usada sem artigo (*por aqui, por isso*) e *per* com artigo (*pela rua, pelos bosques*) (Nota do tradutor)

\*\* Só os gerativistas definem o léxico em extensão. Ver CHOMSKY, N. — A transformation approach to syntax. In: FODOR & KATZ. — *The structure of language*. New Jersey, Prentice Hall, 1965.

“pôr selo em” (a primeira indicação sozinha poderia fornecer homônimos, *selar* um cavalo, a segunda indicação sozinha, sinônimos, *estampilhar*). A possibilidade de ser um morfema inteiramente definido por caracteres gramaticais, solidários ao fato de que ele pertence a uma classe fechada de poucos elementos, é fundamental e obriga a encarar dois tipos de morfemas em todas as línguas. Adquirimos, pois, o hábito de distinguir os morfemas gramaticais dos morfemas lexicais, sendo os morfemas gramaticais do domínio da gramática. Contudo, a oposição de que se trata aqui, representa os casos mais afastados dum contínuo: as classes são mais, ou menos, ricas e abertas, e não estamos seguros de poder separar os morfemas gramaticais dos outros.

*Unidade do código e produção do código.* A solução que consiste em definir o léxico como o conjunto dos morfemas, suscita outra dificuldade, a saber, que uma frase não é jamais construída a partir de morfemas, mas das unidades codificadas mais altas, cada vez que se apresenta a escolha, economia bem compreensível. Assim, para produzir a frase “la distribution des journaux se fait rapidement” (“a distribuição dos jornais se faz rapidamente”), dispomos das unidades complexas inteiramente prontas *distribution e rapidement* como escolheríamos *envoi (envio) e vite (depressa)*. Em compensação dispomos de *journal*, em que colocamos o morfema de plural para produzir *journal* (donde o erro freqüente [deʒuRnal])\* . Nem todos os morfemas, pois, estão no mesmo plano na produção da frase.

Se se construíssem frases com morfemas, produzir-se-iam palavras. Construir-se-iam, pois, palavras como frases, isto é, unidades não codificadas. Desde então, nada impediria de se dizer *distribu-age*, que tem o mesmo valor que *distribution*, e de inventar mil outras unidades conformes ao sistema, mas não codificadas pelo uso. A gramática gerativa, notadamente, produz, segundo certas regras, palavras até aqui desconhecidas (3). Ora, se é legítimo, para aprender uma língua, estar apto para produzir todas as frases possíveis, vê-se a inadequação de regras que permitem produzir todas as palavras possíveis segundo o sistema, das quais uma grande parte jamais foi empregada. Precisamos concordar plenamente com Bloomfield e Chomsky em que “o léxico é o conjunto completo das irregularidades da linguagem”, mesmo que as irregularidades se manifestem aqui ou ali.

#### *O conjunto das palavras duma língua.*

Podemos também retomar a definição tradicional: o léxico é o conjunto das palavras duma língua, o que inclui evidentemente a maior parte dos morfemas (os morfemas livres) e todas as unidades codificadas de vários morfemas (palavras derivadas e compostas, *lexias*). É a imagem do léxico que os dicionários nos dão. O léxico como conjunto de palavras convém bem ao que sabemos da frase, que se constrói com as mais altas das unidades codificadas disponíveis. Divide-se ele em classes funcionais tradicionalmente chamadas categorias gramaticais ou partes do discurso (classes de palavra), e que são definidas por dois caracteres: o contexto, que determina a função na frase, e o paradigma dos morfemas ligados que pode acrescentar-se à unidade (2). Assim, o verbo é definido por sua combinatória relativamente ao nome, ao pronome, ao advérbio etc., e por um tipo de desinências gramaticais que lhe é particular. Existe, pois, uma classificação gramatical do léxico, e dessa classificação estão excluídos os morfemas presos que entram na composição da palavra mas não na da frase. Essa clas-

---

\* Em português só no registro popular é comum a “discordância” *dos jornal* ou *dos jornal*. (Nota do tradutor)

sificação continua sendo aproximadamente a que todos conhecem: nomes, pronomes, adjetivos, verbos, advérbios, artigos, preposições, conjunções, interjeições, com certos melhoramentos segundo os autores (determinantes, dêiticos, substitutos). Ela é válida para numerosíssimas línguas, mas, por exemplo, o chinês quase só distingue substantivos e verbos que servem, na fala, para exprimir outras categorias.

Mas se os morfemas presos, quer sejam lexicais quer gramaticais, são excluídos desse léxico, a gramática é que deve encarregar-se deles e, no caso de não conservar todas as unidades mínimas, o léxico já não se opõe à gramática como um conjunto de unidades a um conjunto de regras.

Essa supressão não basta, aliás, para uniformizar o conjunto descrito, pois que no conjunto das palavras se manifesta a mesma dicotomia que no conjunto dos morfemas: existem palavras gramaticais e palavras lexicais (*quel, duquel e gentil, gentillet*). Reserva-se, em geral, o nome de palavras lexicais às categorias do substantivo, do verbo, do adjetivo e do advérbio (para certos autores, só os advérbios compostos em *-mente* em português, em *-ly* em inglês etc.), reunindo as outras categorias (pronomes, artigos, preposições etc.) as palavras gramaticais. As palavras gramaticais são, pois, registradas no dicionário na qualidade de palavras e na gramática na qualidade de gramaticais (palavras gramaticais, *mots outils* etc.). Enfim a diferença entre morfema preso e morfema livre ou palavra, parece de interesse menor que a distinção entre morfema lexical e palavra lexical, e a distinção entre morfema gramatical e palavra gramatical; se o é livre em português, essa situação não é geral para o artigo (*-ul* romeno é preso como sufixo).

*O conjunto das unidades ou o conjunto das palavras de classe aberta numa língua.*

É por isso que alguns lingüistas preferem dar prioridade absoluta a essa distinção; segundo eles, a melhor definição do léxico e a mais operatória é então ou o conjunto dos morfemas lexicais (Martinet), ou o conjunto das palavras lexicais somente (Ullmann<sup>20</sup>, Mathiot). Enquanto unidades significativas codificadas, as palavras formam o conjunto mais vasto (em francês e em numerosas línguas, há mais palavras completas que palavras de um morfema, e mais palavras de um morfema que morfemas presos); e entre as palavras, as palavras lexicais formam de muito longe o subconjunto mais importante. Em francês, as palavras gramaticais quase não ultrapassam uma centena, ainda que componham, só elas, 50% da fala. A frequência está, também, ligada à abertura e ao fechamento dos conjuntos; as palavras mais frequentes estão entre as palavras gramaticais, e as mais raras entre as palavras lexicais, e especialmente os substantivos. A solução do léxico considerada como conjunto aberto seria satisfatória se a distinção entre conjuntos abertos e fechados fosse precisa, e não da ordem do mais ou do menos.

*As diversas definições do léxico são exploráveis segundo as necessidades.*

Finalmente, escolher-se-á a definição do léxico que pareça mais bem adaptada ao trabalho a efetuar, guardando presentes no espírito as insuficiências de cada solução. Para uma mesma língua, o gramático preferirá sempre falar de morfemas e o lexicólogo (o antropólogo, o sociólogo) de palavras. Além disso, existem tipos de língua que impõem uma definição do léxico de preferência a uma outra, segundo a disposição de suas unidades significativas. O ponto essencial para o lingüista é admitir que a oposição *léxico/gramática* concebida como a oposição *unidades significativas/regras que as combinam*, se ela é suscetível a rigor de dar uma descrição da gramática, não pode bastar para dar uma idéia do léxico.

## O ESTATUTO SEMIÓTICO DO LÉXICO

Se o gramático tem o dever de limitar o domínio do léxico em relação ao da gramática, o lexicólogo tem o dever, mais delicado ainda, de reconhecer a zona das trocas entre a língua e o mundo, que se faz essencialmente pelo léxico. Esse segundo objetivo vai contribuir para esclarecer a especificidade do léxico e para avaliar, de outro ponto de vista, as definições precedentemente propostas.

Quaisquer que sejam os elementos escolhidos, o léxico é um conjunto de unidades codificadas significativas, ou signos. Considerado em seu estatuto ótimo, o signo lingüístico é formado por um significante sensível e por um significado abstrato que estão indissociavelmente unidos por um elo "arbitrário" (isto é, convencional, não natural). O signo tem uma função denotativa: serve para evocar os objetos do mundo (aquilo de que se fala), para torná-los presentes à consciência. Não é necessário que esses objetos tenham uma existência real (verificável), basta uma existência sócio-cultural (o centauro, o unicórnio, Mme. Bovary, os Martiens etc.). Essa função denotativa supõe, para o signo, uma mobilidade e uma independência que permitem empregá-lo sozinho com um sentido. Tem o signo lingüístico, além disso, o poder de remeter não somente a um objeto (*Virgílio*), mas a uma classe de objetos (*escritor*). Possui ainda, uma vez que está codificado na língua, um significado (pelo menos um núcleo de sentido) que é ao mesmo tempo determinado e estável, e aquilo a que o signo remete não varia de um contexto para outro; essa condição é indispensável à comunicação entre os usuários duma língua. Finalmente, o signo lingüístico, por sua função na cadeia ordenada da fala, acha-se integrado numa categoria gramatical com implicações semânticas: o substantivo para os objetos, pessoas, ações, fenômenos, qualidades..., o verbo para os processos, o adjetivo e o advérbio para as qualificações dum e doutro.

O quadro apresentado abaixo mostra como se comportam respectivamente as unidades significativas codificadas, palavra e morfema preso, em relação ao modelo do signo lingüístico ótimo precedentemente descrito. Faremos figurar também as unidades não codificadas, sintagma e frase.

	morfema preso		palavra		sintagma	frase
	gram.	lex.	gram.	lex.		
codificação	+	+	+	+	—	—
arbitrariedade do signo	+	+ e -	+	+ e -	+	+
independência material em relação às outras unidades	—	—	+ (?)	+	+	+
independência semântica do contexto (enunciação ou enunciado)	+ e —	+	+ e —	+	+ e —	+ e —
designação	—	—	+ e —	+ e —	+ e —	—
generalidade das coisas designadas			+ e —	+ e —	+ e —	

+ ou— indica que o caráter varia segundo os tipos de unidades. Por exemplo, a arbitrariedade do signo entre as palavras lexicais: + para *gato* e — para *miar*.

*A unidade que corresponde melhor à noção de signo lingüístico é a palavra lexical.*

A palavra é que representa melhor o signo lingüístico ótimo. Ela é codificada como as unidades inferiores (morfema preso), mas materialmente independente como as unidades superiores (sintagma, frase). Contudo, a palavra lexical aproxima-se melhor ainda do modelo na medida em que, à diferença da palavra gramatical, é semanticamente independente da situação e da enunciação. O sentido das palavras lexicais está quase saturado pelo código, e as circunstâncias de seu emprego quase não a modificam senão para enriquecê-la provisoriamente com uma referência particular (*cão* → *meu cão*). Ao contrário, o sentido de numerosas palavras gramaticais depende da referência determinada por seu emprego. Assim, os dêiticos *este, aqui, agora, ontem, amanhã...* e os pronomes pessoais *eu, tu, ele* ..., que se referem constantemente a objetos diferentes, não têm, portanto, sentido codificado propriamente dito; o aviso “amanhã se farão barbas gratuitamente” não significa nada se não for datado.

*A palavra lexical constrói um sistema do mundo.*

Enfim, a palavra lexical, graças aos caracteres anteriormente descritos, constitui o instrumento pelo qual as civilizações constróem para si uma visão do mundo;(15) como diz Hegel, “a palavra, só o conceito da qual recebe seu estatuto de indivíduo no universo mental, essa palavra acrescenta sua realidade própria ao conceito; ao mesmo tempo, o conceito encontra na palavra uma fixação e limites”. Certamente tudo é dizível, se se admite com a maioria dos lingüistas a hipótese segundo a qual não existe pensamento independente das palavras que o exprimem e o estruturam; o “indizível” depende apenas da dificuldade de dizer (de linguagem, psicológica etc.). Mas o dizível, notadamente aquilo que designamos pela primeira vez, nem sempre se pode exprimir por uma palavra única: é necessário um grande número de palavras diversamente combinadas. O sintagma desempenha essa função; dizia-se, por volta de 1870, *chemin de fer urbain (estrada de ferro urbana)*, *chemin de fer souterrain (estrada de ferro subterrânea)*, *tramway souterrain (trâmuei subterrâneo)*, para designar o que, dez anos mais tarde, se chamava *métropolitain (metropolitano)*, transformado a seguir em *métro (metro em Portugal, metrô no Brasil)*; falava-se em *arriver dans la Lune (chegar à Lua)*, em *débarquer (desembarcar)*, em *atterrir sur la Lune (aterrizar na Lua)*, muito antes do emprego da palavra *alunir (alunizar)*, aliás mal aceita pelos turistas.

*O sintagma-perífrase assume a transição incerta entre os dois sistemas.*

O sintagma funciona como uma perífrase que tem valor de palavra, mas que não está codificada (à diferença da lexia). É por isso que há uma infinidade deles, levando-se em consideração o fato de que eles podem ser mais longos ou menos longos (por exemplo: o “*maillot de bain féminin d’une seule pièce dégageant les côtes, le bas du dos et les hanches*” — “maiô de banho feminino duma só peça que deixa livres as costas, a parte de baixo das costas e os quadris”, modelo atual sem nome) e de que cada pessoa é livre para construir sua perífrase como quiser. Ao contrário, a palavra está inteiramente pronta ou completamente construída no código, e o conjunto das palavras é finito.

Pode-se fazer corresponder a cada palavra uma perífrase, isto é, uma expansão; mas nem toda perífrase tem forçosamente uma palavra correspondente, isto é, “con-

densação”. Por isso se pode falar dum léxico finito, definir diferencialmente suas unidades, e tentar descobrir nele estruturas ao mesmo tempo semânticas e sócio-culturais. O sintagma-perífrase, ao contrário, corresponde a uma etapa preclassificatória do mundo, à transição entre dois sistemas de visão do mundo. A formação de terminologias científicas pode dar idéia da criação conjunta dum conjunto de noções e de termos que permitem servir-nos delas, dupla codificação indissociável do conteúdo e da forma.

Aliás, isso é válido do mesmíssimo modo para o imaginário, cujo papel é tão importante nas civilizações. A “mulher com cauda de peixe”, que tem o nome de *sereia*, tem para nós muito mais “realidade” que a “mulher com cabeça de ave”, que não tem nome nenhum. De maneira geral, deve sempre ser demonstrada a inexistência daquilo que não tem nome. Assim, o léxico é o testemunho dos conhecimentos, da mitologia e da ideologia duma civilização; constitui ele o próprio material da etnologia e da história.

#### *As palavras metalingüísticas.*

Acrescentar-se-á que não somente o léxico (palavras lexicais) nos dá uma imagem do mundo, mas também que nessa imagem do mundo está incluída uma imagem da língua.

#### *A palavra lexical constrói até um sistema do léxico.*

Como falamos duma língua, e justamente de seu léxico, senão com palavras? A palavra *preposição*, por exemplo, serve para falar das palavras *a, de, em*, etc., como a palavra *cão* serve para falar do galgo, do sabujo, do perdigueiro, do buldogue, etc. Essas palavras, ditas metalingüísticas, existem em todas as línguas e figuram sempre no dicionário (visto serem palavras como as outras). Mas constituem objeto da gramática por causa de seu conteúdo, assim como “cão” constitui o objeto de um tratado de zoologia.

#### *A palavra é o melhor representante do léxico.*

Se a palavra léxica define melhor os caracteres do léxico que a palavra gramatical, é fácil de ver que, entre as palavras lexicais, o substantivo é o mais representativo.

#### *A ordem quantitativa.*

Primeiro quantitativamente, e esse fato não é desprezível: aquele que aprende uma língua, natural ou estrangeira, deve sempre assimilar uma proporção mais elevada de substantivos à medida que progride. Um dicionário de dez volumes contém uma proporção de substantivos muito maior que um dicionário de bolso; constata-se facilmente que as terminologias técnicas e científicas, que fazem à vontade o léxico duma língua, são quase constantemente nominais. É entre os substantivos, e por causa de sua quantidade, que se encontram as palavras mais raras (baixa frequência), as palavras monossêmicas e as palavras mais longas, estando ligados entre si esses três caracteres. Basta citar como exemplo o nome de compostos químicos mencionados nas caixas de remédios.

### *A designação.*

Esse fenômeno está ligado diretamente ao problema da designação. Esquecemos muito facilmente que em francês *nom* (nome) é ao mesmo tempo uma categoria gramatical e um “*appellatif*” (substantivo comum) (o nome duma flor); o inglês, que dispõe de duas palavras diferentes, respectivamente *noun* e *name*, faz-no-lo sentir melhor.

### *As taxinomias.*

Ora, é o substantivo comum que nos permite organizar o mundo construindo classes (de objetos, de fatos, de pessoas, etc.), isto é, escolher quais traços comuns nos fazem encará-las da mesma maneira para opô-las a outra classe concebida do mesmo modo. Pode-se notar, a título de exemplo, que o francês não tem palavra para “animal marinho”, e que as palavras *mammifère* (*mamífero*), *poisson* (*peixe*), *arthropode* (*artropode*) etc., constituem classes no interior das quais só se poderá distinguir indivíduos marinhos, terrestres, etc. O que aconteceu foi que o caráter marinho, que poderia parecer importante, não foi considerado como suficiente para construir uma classe, um conjunto de coerência satisfatória, oponível a outros conjuntos. Inversamente, certas classes suficientemente homogêneas são subdivididas segundo as necessidades da experiência humana. Na maioria das línguas, os animais domésticos têm mais de dois nomes por espécie (*bœuf*, *taureau*, *vache*, *veau*, *génisse*: *boi*, *touro*, *vaca*, *bezerro*, *vite-la*), enquanto que os outros têm geralmente dois ou um só (*grenouille*, *têtard*; *rhinocéros*; *boa* etc.; *rã*, *girino*; *rinoceronte*; *boa*).

Nota-se que em francês as duas denominações mínimas retidas são as da oposição adulto-filhote e não as de macho-fêmea. Nenhum desses fatos de léxico deixa de ter importância, e até frequentemente estes se encontram no nó duma crise ideológica: não devem os franceses admitir que quando se diz “os homens são mortais”, trata-se também das mulheres, mas que em “as mulheres são mortais” os machos estão excluídos?

### *As substâncias.*

Enfim, os substantivos são considerados a justo título, desde a Antigüidade, como portadores de substância e como significantes em si mesmos, à diferença das outras palavras lexicais. Constatam os filósofos que as palavras da linguagem primária (aprendidas pelo contato direto com o mundo) são substantivos (18), observam os psicólogos que a criança, na aprendizagem natural da língua, adquire primeiro os substantivos, depois os verbos e os adjetivos, vindo as palavras gramaticais em último lugar; Chomsky afirma que os caracteres do substantivo lhe são internos e não-contextuais, enquanto que os do verbo são contextuais. O substantivo é a parte do discurso menos gramaticalizada, a mais rebelde à análise distribucional.

### *O substantivo é também o mais perigoso dos fatores de perturbações.*

Contudo, se as palavras lexicais, e especialmente o substantivo, são as mais representativas do léxico tal como o opomos à gramática, é por elas que o léxico tende a escapar do sistema da língua. A palavra lexical, representada principalmente pelo substantivo, une o sistema imanente duma língua a tudo o que não é ele: ao mundo (substância do conteúdo) e às outras línguas, e escapa parcialmente às leis da gramática e até da semiótica lingüística.

### *A onomatopéia e os ruídos do mundo.*

É entre as palavras lexicais e especialmente entre os substantivos que se manifesta a onomatopéia, unidade mal codificada em que falta a arbitrariedade do signo. A onomatopéia é um signo em que a imagem sonora da palavra (significante) e a imagem mental dum ruído (significado) vêm confundir-se. Ademais, todos os ruídos podem ser notados à vontade, quer sejam conformes ao sistema fonológico da língua, quer não.

### *A sigla e o nome das letras.*

Encontram-se também, essencialmente entre os substantivos, formações aberrantes que consistem em lexicalizar a seqüência das iniciais dum sintagma; são as siglas. Ora cada inicial gráfica é lida pelo seu nome, fenômeno inteiramente anormal: “une H.L.M.” [aʒeɛm], “un P.D.G.” [pedeʒe], ora o conjunto das iniciais é lido como uma palavra comum, e aí a despeito do sistema fonológico da língua: “le S.M.I.G.” [smig], “le C.N.I.T.” [knit]. Isso se agrava pelo fato de que a sigla é, como a onomatopéia, produtora de derivados (“smigard”, s.m.; “tictaquer”, v.; etc.).

### *As palavras e as coisas.*

Sendo o substantivo a parte da fala mais diretamente ligada ao mundo exterior, traz ele sempre uma significação complexa, em evolução, ligada a uma função gramatical pobre.\* É pelo substantivo que um estado de língua se modifica primeiro, visto que as coisas novas têm necessidade dum nome novo (neologismo).

### *O caminho do empréstimo.*

Ora, essas coisas novas podem vir do estrangeiro, onde elas já têm nome. Consta-se que o empréstimo é não somente um fenômeno essencialmente lexical (oposto a gramatical), mas ainda e principalmente um fenômeno nominal.

### *O avanço dos nomes próprios.*

Ao número esmagador dos nomes comuns vem ajuntar-se o conjunto indeterminado e muito mais numeroso ainda dos nomes próprios. O conjunto dos nomes próprios não é somente mais importante que o dos nomes comuns: ele é dum ordem de grandeza inteiramente diferente. Se essa desproporção não é perturbadora, é porque os nomes próprios têm freqüências relativamente baixas (conseqüência do fato de que eles só designam um objeto singular e não uma classe de objetos). Os nomes próprios fazem parte do léxico dum língua? Fazem, uma vez que não se pode falar uma língua sem usá-los, e não fazem, porque os nomes próprios pertencem a todas as línguas (com algumas acomodações de pronúncia ou de grafia). Estruturas fonológicas estrangeiras penetram, pois, obrigatoriamente em toda língua. Ademais, uma quantidade de nomes próprios, cujo número é indeterminado — lembremo-lo — produzem adjetivos e substantivos comuns (*Nova Iorque*: *nova-iorquino*; *Balzac*: *balzaquiano*; *Mao* [*Tsê-tungue*]: *maoísta*) que vêm integrar-se num conjunto em princípio finito. Muitos mesmo tornam-se substantivos comuns pelo uso de nomes registrados de marcas co-

\* No extremo oposto, as palavras gramaticais apresentam o esquema inverso.

merciais: fuma-se um Pall-Mall bebendo um Campari. Os nomes próprios trazem, pois, ao coração do léxico, séries parcialmente estrangeiras e indeterminadas.\*\*

*A nominalização infinita.*

O poder perturbador do substantivo manifesta-se assim no fenômeno da nominalização. Entende-se por esse fato que tudo, na linguagem, pode ser transformado em substantivo e esse privilégio só pertence ao substantivo; isso vem do fato de que o nome, exprime “o objeto de que se fala” e que se pode falar de tudo. As seqüências ditas “autônimas” são todas substantivos na fala, qualquer que seja a classe delas (o seu *relativamente* não foi ouvido; *não* serve para negar; ele grita: *não se aproxime*). Essa nominalização autonímica pode introduzir qualquer signo exterior à língua considerada, signo estrangeiro (*book* é inglês) ou signo não-lingüístico (= significa “igual”); esses dois exemplos constituem frases portuguesas irrepreensíveis, ao passo que “ele toma seu book” e “um metro = cem centímetros” são híbridas, sendo a primeira frase inaceitável por seu bilingüismo, misturando a segunda a língua natural e a língua matemática.

ONDE ACABA O LÉXICO?

*Necessidade duma apreensão sincrônica.*

Uma língua não pode ser descrita de improviso em sua duração histórica; não existe língua francesa, especialmente, que seria ao mesmo tempo a de Racine, de Vitor Hugo e de Sartre; pois se Sartre pôde ler Vitor Hugo que pôde ler Racine, o processo inverso é impossível. Ora, uma língua é um fenômeno social definido por trocas completas (recíprocas). O campo das trocas reais ou possíveis é um estado de língua de curta duração; a duração máxima duma sincronia prática é a que pode projetar-se na memória (transformação do tempo histórico vivido em experiência presente), isto é, a duração duma vida humana.

*Competência (e incompetência) lexical.*

Ninguém conhece perfeitamente uma língua porque ninguém pode conhecer todas as palavras dela. A maioria dos usuários duma língua dominam a gramática, isto é, sabem distinguir uma frase correta duma frase incorreta, e um gramático profissional pode atingir uma competência gramatical ótima.

*Não conhecemos jamais todas as palavras de nossa própria língua.*

Mas os usuários não dominam jamais o léxico, encontram em todo o decorrer de sua vida palavras desconhecidas, e nenhum lexicólogo ou lexicógrafo pode esperar adquirir uma competência lexical ótima. Deve-se isso, evidentemente, à ordem quantitativa: as regras da gramática são em número restrito, mas não as palavras que elas regem. Além disso, é o léxico que, na língua, muda mais depressa (em francês, a renovação das unidades é da ordem de 10% em 25 anos para cerca de 50.000 palavras). O fato da maioria das pessoas não “compreenderem” um texto é devido às palavras desconhecidas.

\*\* *Silhueta, cavanhaque, gilete*, são exemplos de nomes próprios que se tornaram substantivos comuns. (Nota do tradutor)

das: resulta disso uma espécie de desconforto permanente, de angústia léxica que se transforma freqüentemente em observações desdenhosas sobre o “jargão” dos outros.

#### *O idioleto.*

Cada um de nós tem um vocabulário, componente lexical do nosso idioleto; o vocabulário dum indivíduo é único, tanto pela quantidade de palavras conhecidas como pela natureza dessas palavras. É difícil recensear as palavras dum vocabulário. Por um lado, porque nem todas as palavras conhecidas pela pessoa são empregadas efetivamente na fala ou nos textos observados e, por outro lado, porque uma palavra pode ser conhecida ativamente ou passivamente: o vocabulário ativo é o que se tem o costume de empregar; o vocabulário passivo é o que compreendemos quando empregado por outras pessoas, mas que nós mesmos não temos o costume de empregar (assim certas palavras grosseiras muito conhecidas, para tomar um caso típico). Pareceria que, segundo a cultura dos indivíduos, o vocabulário varia para uma língua de civilização entre 3.000 e 40.000 palavras. Ora, os maiores dicionários de língua, que não incluem os nomes próprios (e não históricos), ultrapassam facilmente 100.000 palavras. Contudo, se cada vocabulário é único em quantidade e em qualidade, todos os idioletos têm uma grande parte de palavras em comum, garantia da comunicação e da realidade do léxico.

Cada usuário do português domina pouco mais ou menos todas as palavras gramaticais, e todas as palavras lexicais de primeira necessidade, que têm uma alta freqüência na fala. É entre as palavras de média e baixa freqüência que as diferenças começam a fazer-se sentir (palavras técnicas, científicas, literárias, de gíria, arcaizadas, novas, regionais, etc.). As noções de freqüência e de fechamento de conjuntos estão *grosso modo* em relação, e essa relação justifica também que se faça passar a fronteira do léxico entre as palavras gramaticais e as palavras lexicais.

#### *Léxico comum, léxico total.*

Partindo da experiência idioletal, pode-se, pois, abordar o léxico de duas maneiras. O léxico comum dum estado de língua dado é constituído por todas as palavras comuns a todos os usuários (intersecção dos idioletos); o léxico total é constituído por todas as palavras empregadas por todos os usuários (reunião dos idioletos) (9). O léxico comum representa uma língua pobre que funciona bem no conjunto da sociedade, mas que exprime pouco. O léxico total representa uma língua rica que funciona mal no conjunto da sociedade, mas que exprime muito.

#### *Indeterminação do léxico total*

Pode-se dizer que uma palavra rara é “menos palavra” que outra, visto como seu valor de troca é menor.

#### *Não estamos seguros de poder reconhecer as palavras como tais.*

Uma palavra que funciona para cem pessoas não tem o mesmo estatuto sociolinguístico que uma palavra que funciona para dez milhões; ela apresenta sempre caracteres menos típicos da língua em questão. E uma “palavra” que funciona para uma só pessoa (uma invenção qualquer) já não é uma unidade da língua. O léxico total é um conjunto ideal que se perde na indeterminação e que nenhum dicionário jamais pôde

descrever *in extenso*. Não é a simples quantidade das unidades que torna essa tarefa impossível, mas o fato de que a qualidade lingüística das unidades é cada vez mais incerta à medida que elas são mais raras. A isso vêm acrescentar-se as dificuldades práticas (representatividade do *corpus* para as unidades raras, fechamento do *corpus* ao passo que cada dia o léxico se modifica). O léxico total é um “conjunto impreciso” [“ensemble flou”] (Gentilhomme,7).

#### *Escolha de “um” léxico.*

De fato, quando se fala de léxico, encaramos um conjunto intermediário entre o léxico total e o léxico comum, podendo um ser estimado em alguns milhares de palavras aproximadamente, e sendo o outro de várias centenas de milhares. Mas entre esses dois limites teóricos, toda fronteira é arbitrária e simplesmente prática: o tamanho variável dos dicionários vem ilustrar essa escolha.

#### OS SUB-LÉXICOS COMO TIPOS ABSTRATOS.

Os idioletos apresentam diferenças qualitativas que se podem reunir em tipos. Cada pessoa sente que compreende melhor as pessoas de sua região, de sua idade, de seu meio social e profissional que as outras. Encararemos, pois, no interior do léxico total, quatro tipos de sub-léxicos: o das línguas regionais, das línguas sociais, das línguas temáticas e das línguas de gerações.

Esses quatro tipos abstratos não têm nenhuma realidade, se não como componentes de cada idioleto; pode-se imaginar, por exemplo, o vocabulário dum morador de Lille de 60 anos, operário da indústria têxtil, ou o de um parisiense de 20 anos, estudante de farmácia. Os tipos de sub-léxicos a considerar e a importância deles variam com a língua estudada: regiões mais ou menos centralizadas, sociedades com ou sem classes, castas, religiões, etc.

#### *As línguas regionais.*

Os falares regionais não devem ser confundidos com os dialetos e as línguas independentes: assim na França o bretão, o provençal, o basco, são línguas diferentes do francês. Mas o francês tal qual se fala em Paris, em Marselha, em Lille ou em Bordeaux apresenta variações léxicas (e fonológicas) que, embora não perturbem gravemente a intercompreensão, são todavia sensíveis quando se passa de uma região a outra. O peixe que se chama *colin* em Paris denomina-se *merlu* em Bordeaux.

#### *As línguas sociais.*

As línguas sociais refletem principalmente, em nossas civilizações, a oposição da classe dirigente (que é, em geral, a classe culta) às outras classes. Mas a divisão pode ser diferente. A despeito da democratização e da mistura social, constata-se, na França, que a burguesia tem repugnância em usar certas palavras correntes na classe operária. Mesmo a gíria, que se difundiu em todos os meios, achou-se mais ou menos redistribuída seletivamente segundo as classes. O sistema oficial da educação escolar faz respeitar a norma da classe dirigente.

### *As línguas das gerações.*

As línguas das gerações são línguas lexicalmente diferentes que são faladas num momento dado por pessoas de idades diferentes que coexistem na sociedade. Os moços não falam como as pessoas idosas. Em outras palavras, uma visão rigorosamente sincrônica do léxico traz as marcas do tempo. Em 1972, as pessoas de 60 anos conservavam a maioria dos hábitos de linguagem de seus 20 anos (1932), quase todos os de seus 40 anos (1952), etc. Esses hábitos são mantidos pelo diálogo com pessoas da mesma idade. As trocas entre pessoas de idades diferentes e a renovação constante do léxico se fazem graças ao duplo estatuto, ativo ou passivo, do vocabulário. O pai compreende o filho sem usar as mesmas palavras, e emprega palavras de sua juventude que o filho compreende sem se utilizar delas. As palavras morrem por falta de combatentes: uma palavra que estava na moda em 1932 é cada vez menos empregada à medida que seus utilizadores envelhecem e morrem.

Nas línguas de civilização, a leitura e a cultura vêm corrigir esse esquema; palavras que deveriam cair pouco a pouco no vocabulário passivo dos usuários são às vezes mantidas no vocabulário ativo (acontece-nos falar e sobretudo escrever como Gide), e palavras desde muito tempo fora de uso se mantêm no vocabulário passivo (compreendemos ainda Racine).

### *As línguas temáticas.*

As línguas temáticas agrupam temas de interesse: atividade profissional, ocupações, lazeres. Este subgrupo opõe-se aos outros três na medida em que o tema que o define é exterior ao mesmo tempo ao sistema da língua e à situação de seus usuários. É o domínio do conhecimento, quase inesgotável, que reúne todas as espécies de terminologias de limites incertos e um número considerável de nomes próprios que se acham ligados a elas. As línguas temáticas, por sua relação direta com o mundo, fornecem os elementos do léxico mais numerosos e os mais instáveis, geralmente consignados nas enciclopédias e dicionários especiais.

Entre as línguas temáticas, é preciso contar as da geografia e da história, e não confundir o léxico dessas línguas com o das línguas regionais e das línguas de gerações; a palavra *gabelle* (gabela), por exemplo, é um termo atual que designa um imposto antigo, portanto um termo de história, mas não uma palavra arcaica. A história atualiza o léxico antigo do qual ela se alimenta.

O tema da língua é também gerador duma língua temática, à da lingüística, cujo léxico está consignado nas páginas deste livro\*.

### SEMÂNTICA LEXICAL.

A semântica lexical representa ao mesmo tempo o essencial da semântica e seu domínio mais confuso, verdadeiro terror dos lingüistas. O estudo do sentido das palavras está com efeito tão tradicionalmente comprometido com os debates filosóficos, psicológicos e literários, que parece difícil abordá-lo em bases científicas.

---

\* A autora se refere à enciclopédia lingüística *Le langage* onde seu trabalho foi publicado.

*O sentido das palavras não é nem transcendental nem produzido pelo contexto ...*

A primeira reação salutar dos lingüistas consistiu em negar que existam palavras com significado determinado fora da frase contextual que as contém, e que é a única a permitir a manifestação do sentido (o sentido duma palavra é o seu emprego). Se uma palavra é empregada sozinha, é que essa palavra é por si só uma frase, como *Vem!* ou *Garçom!* Se uma só palavra pode funcionar como uma frase, é porque o contexto situacional vem saturar ora o sujeito (“Tu queres vir?”), ora o predicado (“Garçom, traga a conta”). Por isso o turista estrangeiro pode fazer-se compreender com um “pequeno léxico prático” sem conhecer uma só regra de gramática (ao passo que uma competência gramatical sem léxico exclui absolutamente toda comunicação).

Certamente era necessário mostrar que as palavras não têm significado transcendental que viesse de outro lugar senão do discurso: ou do mundo das essências, ou da história, ou da própria forma material delas. Alude-se aqui ao “realismo antigo”, à “prova pela etimologia”<sup>\*</sup> e à “magia das palavras”. Não obstante, se se pode falar da palavra como unidade de língua e não como ocorrência particular na fala, não é preciso dizer que se pode e que se deve falar do significado duma palavra nos mesmos termos. Cada um de nós é capaz de evocar o sentido de *cão*, *morrer*, *feliz*, *nunca...* sem recorrer a uma frase particular.

*... é a resultante de contextos já produzidos.*

De fato, a maioria dos lingüistas estão de acordo em admitir, num espírito mais sintético, que o significado duma palavra é a somatória e a codificação de todos os significados particulares que se lhe viram tomar recentemente em frases particulares. Isto é, de outro modo, que cada ocorrência duma palavra numa frase está ligada a um significado constante. Quando o lexicólogo fala do sentido duma palavra, não se trata da palavra realizada na fala, mas da palavra abstrata, metalingüística (a palavra que é o nome de todas as suas ocorrências). E a justo título, uma vez que o gramático fala corretamente da interrogação, do subjuntivo, etc., como palavras metalingüísticas das ocorrências de frases interrogativas, de verbos no subjuntivo, etc.

É preciso, pois, pôr de lado duas atitudes extremas: a primeira que consiste em crer que as palavras são entidades com significado determinado do exterior, e que a frase as utiliza tais quais, como cubos dum jogo de construção;<sup>\*\*</sup> a segunda a de que a palavra só tem sentido numa frase particular, e que tem por corolário a hipótese de que a mesma palavra tem em cada frase um sentido um pouco diferente (6). Esse excesso vem geralmente da confusão entre o elemento e o contexto; nas frases *Este lingüista é inteligente* e *Este lingüista é bonito*, ver-se-iam dois sentidos de lingüista segundo os predicados: o “lingüista-espírito” e o “lingüista-corpo”, o que é absurdo, uma vez que um não existe sem o outro.

---

\* Paulhan denomina assim a interpretação errônea dos letrados que querem explicar o sentido duma palavra por sua etimologia. Por exemplo, a própria palavra *etimologia* significaria *étymos logos*, “sentido autêntico” (o que é falso).

\*\* A hipótese duma denominação primeira e voluntária dos objetos nas origens da linguagem é inteiramente gratuita; no caso raro das palavras definidas antes de serem utilizadas (termos científicos), essas palavras sofrem pelo uso a mesma sorte das da herança comum.

### *Monossemia, polissemia, homonímia.*

Uma palavra pode ser monossêmica (*lingüista*) ou polissêmica (*língua*). Chama-se “sentido” duma palavra polissêmica ao significado de cada conjunto codificado de ocorrências oposto a outros conjuntos codificados de ocorrências da mesma palavra: por exemplo, *língua*, “órgão bucal”, e *língua*, “sistema de expressão comum a um grupo social”.

Esses sentidos diferentes correspondem a distribuições sintático-lexicais diferentes (categorias gramaticais do contexto, ou palavras do contexto) cada vez mais difíceis de descrever à medida que nos afastamos da palavra gramatical para o substantivo (desgramaticalização progressiva das partes do discurso acima evocadas). Aquém da polissemia coloca-se a questão da homonímia; pode-se perguntar, com efeito, se não é necessário considerar duas palavras *língua* homônimas de preferência a uma só palavra *língua* polissêmica.

### *Graus de codificação.*

Para lá da polissemia, abordam-se os efeitos de sentido cuja codificação é fraca ou nula no código da língua corrente (estilística). O conjunto dos agrupamentos semânticos possíveis das ocorrências duma mesma palavra se distribui ao longo duma linha cujos cimos são: palavras diferentes, sentidos diferentes, efeitos de sentido diferentes, sentidos conotativos, sentidos fora do código. O lexicólogo só estuda um sentido por vez e adota a ficção da unicidade monossêmica.

### *O sentido ou os sentidos só se exprimem por palavras.*

Todo significado ou sentido é expresso por uma seqüência de palavras: não há outra maneira de falar sobre isso (*livraria* significa “loja onde se vendem livros”). O significado duma palavra só pode, pois, ser conhecido quando transmitido pelo significante de outras palavras (14). Esse sistema sinonímico circular no interior do léxico é o único que torna possível a descrição da face abstrata do signo.

### *O lexicólogo deve organizar semanticamente o léxico.*

Sendo o léxico essencialmente transmissor de sentidos, trata-se de saber se ele apresenta estruturas que levem em conta ao mesmo tempo o semantismo duma língua (forma do conteúdo) e o sistema conceptual de seus usuários (substância do conteúdo).

### *Papel da sintaxe e da morfologia.*

As classes de palavra, dependentes da sintaxe, têm implicações semânticas que organizam prioritariamente o léxico (substantivo → objeto, fenômeno, estado, ação, qualidade; verbo → processo, etc.). A composição das palavras, que depende da morfologia, na medida em que ela segue as regras do sistema, mostra as estruturas morfo-semânticas do léxico (*triste* → *entristecedor*, *entristecer*, *entristecimento*...). As palavras têm leis de composição que reproduzem modelos semânticos constantes (*raiva* → *raivoso*; *teima* → *teimoso*, etc.) (5). O agrupamento dos compostos em torno duma base dada não deve ser confundido com a tradicional “família de palavras” que reúnia unidades aparentadas somente pela etimologia, isto é, pela história (francês *grève*, *gravier*, *graveleux*; port. *letra*, *literatura*), e não pela expressão e pelo conteúdo.

### *A abordagem puramente semântica.*

A pesquisa das estruturas propriamente semânticas, isto é, daquelas que não se apóiam nem na função nem na forma, é muito mais difícil, porque é fundamental. Parte-se geralmente do significado intuitivo das palavras (competência semântica), que é verificado pela análise distribucional, e que se tenta depois precisar pela aproximação com outras unidades semanticamente aparentadas.

Foram adotados vários métodos: o dos campos lexicais, que são campos temáticos; o das relações lógicas ou conjuntistas (sinônimos, opostos, contrários, complementares, incluíntes ou hiperônimos, incluídos ou hipônimos); o dos marcadores semânticos e dos diferenciadores.

### *Conjuntos fechados e conjuntos abertos.*

Existem microssistemas lexicais fechados (determinados) cuja estrutura é clara porque designam quer um conjunto natural com muito poucos elementos, quer um conjunto convencionalmente bem definido do mundo: os nomes dos dedos da mão, dos dias da semana, dos postos militares, dos signos do zodíaco, etc. Mas outros, aparentemente do mesmo tipo, já são abertos (indeterminados): os nomes dos ossos do esqueleto, dos cursos superiores, dos sinais tipográficos, das bebidas alcoólicas, etc. Ora, se o conjunto é aberto, a descrição semântica diferencial de seus elementos é impossível; *a fortiori* a dos elementos de conjuntos abertos diferentes. Na escala do léxico total, um relacionamento generalizado das palavras torna-se inteiramente aleatório, e ninguém pôde levar seus esforços até aí para nenhuma língua. Se, por outro método, se parte das definições de dicionário, que se admite darem o sentido das palavras, mas que, de fato, nos dizem o que são as coisas, é-se remetido a outro sistema diferencial aberto ainda menos manejável: o do conhecimento e da ideologia.

Tais são os problemas essenciais que um estudo sincrônico, isto é, funcional e estrutural do léxico, coloca. No tempo em que o lexicólogo se contentava em estudar “a vida das palavras” sem nunca tentar descrever uma língua, a lexicologia ia bem. É mais fácil descrever mudanças que avaliar diferenças. Hoje, o lexicólogo é, antes de tudo, requisitado a propor ao gramático uma descrição completa do léxico, especialmente semântica, que venha articular-se com a do gramático. Idealmente, uma língua seria descrita se se pudesse fornecer às máquinas de traduzir o programa gramatical e lexical necessário a todas as traduções corretas e somente a elas. (4).

## O DICIONÁRIO DE LÍNGUA

Mas o dicionário não é essa descrição completa do léxico? (16) A maioria dos usuários o crêem, e as publicidades não procuram desenganá-los. O dicionário é um dos objetos culturais mais usuais e mais mal conhecidos.

O dicionário de língua deve inicialmente ser situado entre grande número de obras que apresentam com ele algumas semelhanças. Um dicionário é um texto duplamente estruturado que apresenta: a) uma seqüência vertical de itens, ditos “entradas”, geralmente dispostos em ordem alfabética, seqüência essa chamada “nomenclatura”; b) um programa de informação sobre essas entradas, que forma com elas os verbetes. As entradas são sempre signos lingüísticos, e a informação dada deve aplicar-se, ainda que em pequena parte, ao signo, como o faria, por exemplo, a lista telefônica. Considera-se

que a definição é uma informação sobre o signo (seu significado) e sobre a coisa designada pelo signo (o que essa coisa é).

### *Os dicionários falam-nos dos signos e das coisas*

A dupla estrutura do dicionário faz dele uma obra de consulta e não um texto para ser lido do começo ao fim.

### *Classificação dos dicionários*

Pode-se considerar três tipos de dicionários se se leva em conta a informação sobre os signos ou sobre as coisas: o dicionário linguístico, que só dá informações sobre os signos, com exclusão da definição (dicionário etimológico, por exemplo); a obra enciclopédica, que só dá informações sobre as coisas, incluindo a definição (dicionário técnico de eletricidade, ou então o presente dicionário\*), e o dicionário de língua, que dá informações sobre os signos, incluindo a definição. Esses três tipos se dividem em dois grupos: o dicionário geral, que trata de todos os signos numa língua dada ou de todas as coisas numa civilização; e o dicionário especial, que só descreve um setor de uma ou da outra. O dicionário etimológico é um dicionário geral, e o dicionário de sinônimos, um dicionário especial.

O *dicionário de língua* é um dicionário geral que nos fala do conjunto das palavras numa língua e que dá a definição delas. Sua nomenclatura apresenta, pois, todas as classes de palavra, geralmente com exceção dos nomes próprios, e indica-se a classe de palavra de cada entrada.

A *enciclopédia* é também um dicionário geral, mas que nos fala do conjunto das coisas numa civilização e que dá a definição delas (seu projeto de ser “universal” é afastado pela língua empregada e pelo sistema cultural que lhe está ligado).

Sua nomenclatura é essencialmente nominal e inclui especificamente nomes próprios e ilustrações com legenda nominal. Não apresenta as classes de palavra, informação aliás inútil, uma vez que só existem substantivos.

### *Toda nomenclatura é nominal ou nominalizada.*

O artigo de dicionário, embora seja escrito em estilo telegráfico (*dentro*: no interior de), deve ser lido como uma longa frase cujo sujeito gramatical é a entrada. Ora, todo predicado\*\* exige um sujeito nominal, e a entrada funciona em todos os casos como um substantivo.

Quando a entrada já é um substantivo, a leitura do artigo é, por exemplo, para *Observatório*: (Um) observatório (é um) estabelecimento científico destinado às observações astronômicas e meteorológicas, ou ainda: *Observatório* significa “estabelecimento científico destinado às observações astronômicas e meteorológicas”. Mas quando a entrada não é um substantivo, só uma leitura é possível, por exemplo, em *dentro*: *Dentro* significa “no interior de”, em que *dentro* se transforma em substantivo uma vez que se trata da palavra *dentro*. É por isso que os fatos de nomenclatura, sozinhos, permitem selecionar qual tipo de informação vai aparecer: sobre as coisas, se são possíveis duas leituras; sobre os signos se só existe uma.

---

\* A Autora refere-se a obra em que seu trabalho foi publicado. (Nota do Tradutor)

\*\* Frase por meio da qual se diz alguma coisa dum objeto.

*Realizações híbridas.* A oposição *dicionário de língua/enciclopédia* é a de dois modelos abstratos. As obras reais têm geralmente menos coerência (13) e, no limite, já não se pode nem determinar de que elas falam. Assim, a “Enciclopédia” de Diderot apresenta substantivos, verbos, adjetivos, não advérbios, e algumas palavras gramaticais; certos dicionários de medicina dão etimologias, etc. Existe, contudo, um tipo de dicionário heterogêneo bem definível e muito conhecido, o dicionário enciclopédico, que constitui a soma dos dois modelos descritos; o *Webster’s dictionary* e o *Petit Larousse* são excelentes exemplos disso.\*

#### *Hierarquia nos signos e nas coisas.*

A verdadeira dificuldade, todavia, não é distinguir entre os signos e as coisas, mas apreender um ou o outro desses “conjuntos imprecisos” (“ensembles flous”).

#### *Os dicionários não podem compor livremente sua nomenclatura.*

Um dicionário geral da língua teria por finalidade a descrição do léxico total, e uma enciclopédia universal, a descrição de tudo o que existe para uma civilização dada. Sendo indeterminados esses conjuntos, é preciso, para descrevê-los, proceder do mais evidente para o menos evidente, do mais importante para o menos importante. O critério de importância, para a palavra, é a frequência; um dicionário que trata da palavra *balafo* não pode dispensar-se de tratar da palavra *violino*; o critério de importância para a coisa designada pela palavra é a notoriedade: uma enciclopédia que nos fale de Boulez não pode fazer silêncio sobre Mozart (salvo com fins polêmicos, o que pode acontecer).

#### *Reduções estruturadas.*

Um dicionário geral permanece geral, qualquer que seja o número das unidades de sua nomenclatura, contanto que ele respeite essa lei. Donde a coexistência de dicionários com nomenclatura de 5000 palavras, de 20.000 palavras, de 50.000 palavras..., devendo a nomenclatura mais vasta teoricamente conter todas aquelas que o são menos (o que não se verifica na prática por causa dos dados incertos sobre as frequências).

#### *Os dicionários são nossa única idéia do léxico.*

Os dicionários de língua também se aproximam, do menor ao mais volumoso, da competência léxica ideal\*\* sem jamais atingi-la. Representa o dicionário, por si só, essa competência impossível de ser apreendida, competência essa que nós nos esforçamos por atingir; completa cada vez de modo diferente os milhões de idioletos diversamente compostos. Atualmente, os cursos de lexicologia são de fato cursos sobre os dicionários, objetos sócio-culturais que demarcam a pista dum léxico ao qual ninguém tem acesso diretamente. A situação da gramática é totalmente diferente (17).

---

\* Eles são, na realidade, ao mesmo tempo, enciclopédias (nomes próprios; ilustrações das coisas designadas) e dicionários de língua (todas as palavras, inclusive as palavras gramaticais; informações sobre os signos). (Do *Petit Larousse* há uma adaptação portuguesa — o *Dicionário Prático Ilustrado* — e uma espanhola — *Nuevo pequeno Larousse ilustrado*. nota do tradutor).

\*\* A competência do usuário teórico ideal que conhecesse toda a sua língua.

### *Definição da unidade.*

Quanto ao programa de informação sobre cada unidade, comporta ele pelo menos três elementos: o componente gráfico e fônico, isto é, a menção da palavra com sua grafia, seguida de sua pronúncia; o componente sintático, isto é, a classe de palavra (e, eventualmente, o gênero, o número); o componente semântico, isto é, a definição, ou análise do significado. Essas três informações definem tradicionalmente uma unidade lexical.

### *O exemplo.*

O dicionário de língua dá também exemplos; o exemplo destina-se a mostrar a palavra definida em funcionamento e, em suma, a ministrar provas do que se acaba de afirmar. Nessa perspectiva, poder-se-ia dispensá-lo. Mas acontece que ele é, na verdade, muito mais do que isso. Primeiro, ele assume na maioria das vezes a informação sintática necessária sobre as restrições seletivas (tal verbo tem sempre um sujeito animado, tal adjetivo só se emprega com tal palavra, etc.). Depois, ele serve para atenuar as deficiências das três informações supracitadas: seja, por exemplo, para mostrar, em francês, a elisão do artigo diante de um substantivo, para apresentar uma palavra numa função mais rara não descrita, e principalmente para fazer surgir o sentido que muito vezes foi mal captado na definição. Enfim, serve para corrigir a brutalidade da nomenclatura reintroduzindo todas as unidades codificadas superiores na palavra gráfica tradicional (lexias, locuções, provérbios), e as que estão no caminho da codificação (coocorrências freqüentes: *rectangle blanc*, *image de marque*, *n'être pas sans savoir*, *sévère mais juste...*). Na verdade ele é, pois, essencial. Acreditou-se até, especialmente, que ele poderia substituir uma definição aleatória e mais ou menos subjetiva. Mas não existe nenhuma descrição válida numa língua que consista em mostrá-la: não teríamos, então, nenhuma necessidade dum dicionário, tendo olhos e ouvidos. E se se apresentam todos os exemplos pertinentes e somente os exemplos pertinentes para revelar o significado da palavra em questão, essa escolha dos exemplos implica a mesma reconstrução teórica que a escolha da definição, e exige do leitor um esforço mais dispendioso.

### *A definição*

A definição é uma perífrase que pretende ser sinônima da palavra a ser definida (12,21) e que se acha colocada numa predicação do tipo: “um X é um Y que..., etc.”, isto é, numa identidade entre duas classes de objetos (e não de signos). É só falando das coisas que a definição pode dar-nos o sinônimo do signo. Os lingüistas, todavia, recusam esse método não lingüístico que constitui o verdadeiro interesse do dicionário, embora usando naturalmente definições assim obtidas, em seus trabalhos teóricos. A função gramatical da definição é, por causa da sinonímia, obrigatoriamente a mesma que a da palavra considerada. Não é nunca uma frase.

*Estruturas definicionais.* Tendo valor de palavra, a definição pode ser tratada pelos mesmos métodos de análise semântica: classificação das definições pela função gramatical (classes de palavra), pela relação morfo-semântica ou puramente semântica com o definido. Assim, a definição de *librairie* por “magasin du libraire” é morfo-

semântica visto que a forma *librair(e)* é conservada; ao passo que a definição por “*magasin ou l’on vend des livres*” é puramente semântica.

Mas, quaisquer que sejam as relações entre o significante e o significado, o fato capital é que a definição tem uma sintaxe que compõe e hierarquiza os elementos de sentido (semas) que ela nos dá. Essa gramática sêmica deve também ser aproximada das leis de composição das palavras, embora seja mais complexa e mais flexível. Ela permite encontrar os modelos lógicos de análise do sentido evocados acima, os quais são universais, especialmente o modelo fundamental da inclusão (todas as livrarias são lojas, ou ainda a classe das livrarias está incluída na classe das lojas).

*O dicionário monolíngüe é feito para a tradução...*

O dicionário de língua monolíngüe do qual se acaba de tratar, é um dicionário de descodificação, de tradução. Conhece-se o significante da palavra e procura-se o seu significado. A operação inversa de codificação, da versão, é impossível: não se pode encontrar nele o(s) signficante(s) desconhecido(s) dum significado a exprimir. O dicionário *Robert* procurou, em francês, escapar a essa insuficiência pelo emprego de exemplos-perífrases que remetem a uma palavra; assim em *Sanglier*, o exemplo “*Femelle du sanglier. V. Laie*”.

*... enquanto que o bilíngüe funciona para a tradução e para a versão.*

O dicionário bilíngüe é normalmente duplo, para as necessidades da versão e da tradução, por exemplo francês-inglês e inglês-francês. Mas a situação é mais simples pois se trata, principalmente, nos dois sentidos, de dar o equivalente desconhecido dum palavra conhecida (de signo para signo) e não dum perífrase. O recurso à definição só é em verdade necessário quando aquilo que tem nome numa língua não o tem na outra; enquanto que no dicionário monolíngüe os equivalentes (sinonímia de palavras) são raríssimos e é necessário recorrer à analicidade definicional.

*O dicionário histórico é aberrante mas útil.*

Tem-se o costume de chamar *dicionário histórico* a um dicionário de língua que informa sobre a história das palavras. Não deve o dicionário histórico ser confundido com as obras antigas ou modernas que tratam dum estado de língua antigo (“*Dicionário do Século XVII*”, por exemplo). O modelo teórico do dicionário histórico, poucas vezes realizado, é uma obra cuja nomenclatura contém todas as palavras dum língua desde as suas origens, isto é, o conjunto das palavras desusadas e das palavras usadas; e para as palavras em uso, contém o conjunto dos sentidos arcaizados e dos sentidos atuais. Essa óptica histórica provoca a informação sobre a etimologia, ou origem da palavra.

O dicionário histórico não descreve de fato nenhuma língua real uma vez que sua nomenclatura acrônica\* amontoa palavras de todas as épocas (de vários estados de língua reais) que não funcionaram simultaneamente, e superpõe estruturas lexicais incompatíveis. A vizinhança, na nomenclatura, dum palavra fora de uso e dum pala-

---

\* *Acrônico*: que reúne, sem levar em conta o tempo, elementos situados no tempo.

vra atual poderia ser comparada à vizinhança (não observada) de palavras de línguas diferentes com a duma palavra alemã e duma palavra italiana. E na medida em que todas as palavras antigas são definidas quer por um equivalente atual, quer por uma perífrase atual, o dicionário histórico é, de alguma maneira, um dicionário bilíngüe (e até multilíngüe). Todavia, uma situação lingüística de fato pode justificar sua existência e utilidade: por um lado, o vocabulário passivo das pessoas cultas pode recuar muito longe no tempo; por outro lado, se o dicionário de língua é um dicionário de tradução, é preciso admitir que as palavras desconhecidas devem figurar nele e que as palavras desconhecidas do leitor são muitas vezes palavras antigas; as civilizações da leitura têm uma competência lexical passiva que modifica profundamente a competência normal da comunicação. Finalmente, é sobretudo o mau uso do dicionário histórico que torna discutível a sua utilidade; o leitor, que deveria ater-se somente ao critério do uso atual, vai buscar no passado razões para negar a realidade presente; ele deseja encontrar o sentido duma palavra em sua etimologia, quando a coincidência dos dois é rara; tem toda indulgência para com o arcaísmo, e toda severidade para com o neologismo, embora nem um nem o outro pertença já (ou ainda não) à língua. O dicionário histórico incita-o a confundir a dinâmica do tempo com a degradação dum absoluto, duma "pureza" primitiva. Os puristas são essencialmente conhecedores da história da língua.

---

REY-DEBOVE, J. — Lexicon and dictionary. Trad. de Clóvis Barleta de Morais. Alfa, São Paulo, 28(supl.):45-69, 1984.

*ABSTRACT: Rey-Debove discusses the relationship between lexicon and grammar, defining basic concepts in Lexicology: the word, lexical unit, lexie, morpheme, open class and closed class, and lexical repertoire of a language. Lexicon is the least specific domain of a language, as it reports to referential universe. The set of signs that makes up lexicon gives it a semiotic status by creating a world system (a "système de monde"). The author discusses the problem of designation, demonstrating the relationship between words and things. Being an open system, lexicon has infinite possibilities of expansion. Dictionary is the only manner in which a lexicon can be conceived.*

*KEY-WORDS: Lexicon; lexicology; dictionary; lexical unit; lexie; reference; world system ("système de monde"); metalanguage; terminology; designation; taxinomy; polysemy; homonymy; nomenclature; entry dictionary; definition; monolingual dictionary; bilingual dictionary; historical dictionary.*

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, E. — *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966.
2. BLOOMFIELD, L. — Form classes and lexicon. *Language*, 38, 1962.
3. BOTHA, R. — *The function of the lexicon in transformational generative grammar*. La Haye, Paris, Mouton, 1968.
4. DELAVENZY, E. — *La machine à traduire*. Paris, P.U.F., 1959 (Collection Que sais-je?)
5. DUBOIS, J. — Recherches lexicologiques: esquisse d'un dictionnaire structural. *Études de Linguistique Appliquée*, (1):43-48, 1962.
6. FIRTH, J.R. — *Papers in linguistics, 1934-1951*. London, Oxford Univ. Press, 1957.
7. GENTILHOMME, Y. — Les ensembles flous en linguistique. *Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée*, 5, 1968.
8. GLEASON, H.A. — The relation of lexicon and grammar. In: HOUSEHOLDER, F.W. & SAPORTA, S., eds. — *Problems in lexicography*. Bloomington, The Hague, Mouton, 1967.
9. HOCKETT, C.F. — *A course in modern linguistics*. New York, Macmillan, 1964.

10. MARTINET, A. — Le mot. *Diogène*, (51) 39-53, juil./sept., 1965.
11. MULLER, C. — Le mot, unité de texte et unité de lexique en statistique lexicologique. *Travaux de Linguistique et Littérature*, 1, 1963.
12. POTTIER, B. — La définition sémantique dans les dictionnaires. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, 3(1):33-39, 1965.
13. QUEMADA, B. — *Les dictionnaires du français moderne 1539-1863; étude sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes*. Paris, Didier, 1968.
14. QUINE, W. Van O. — *From a logical point of view*. New York, Harper Torchbooks, Harper and Row, 1963.
15. REY, A. — *La lexicologie*. Paris, Klincksieck, 1970.
16. REY, A. — Les dictionnaires: forme et contenu. *Cahiers de lexicologie*, 7(2):65-102, 1965.
17. REY-DEBOVE, J., org. — La lexicographie. *Langages*, (19):1-119, sept., 1970.
18. RUSSEL, B. — *An inquiry into meaning and truth*. Harmondsworth, Penguin Books, 1969.
19. TOGEBY, K. — Grammaire, lexicologie et sémantique. *Cahiers de Lexicologie*, 6(1):3-7, 1965.
20. ULIMANN, S. — *Semantics: an introduction to the science of meaning*. Oxford, Brasil Blackwell, 1962.
21. WEIREICH, U. — La définition lexicographique dans la sémantique descriptive. *Langages*, (19):69-86, sept., 1970.